

Nas vésperas da Guerra Civil de Espanha. A estada do general José Sanjurjo em Portugal e a conspiração da direita espanhola (1934-1936)

On the eve of the Spanish Civil War. General José Sanjurjo's stay in Portugal and the conspiracy of the Spanish right (1934-1936)

Fábio Alexandre Faria

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, CIES - Iscte

Fabio_Faria@iscte-iul.pt

<https://orcid.org/0000-0002-3803-0374>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/01/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 27/05/2025

Abstract

Based on the portuguese press, both national and local, as well as on memorial works, this article examines General José Sanjurjo's stay in Portugal between 1934 and 1936, and through his presence analyzes how Portuguese territory, especially the Estoril region, served as a stage for the conspiracy to overthrow the Spanish Republic. By analyzing the way in which Sanjurjo was received and welcomed in Portugal, it shows the portuguese alignment with the plans of the Spanish rebels and the importance of the country in the execution of the military coup of July 1936.

Keywords: José Sanjurjo; refuge; Estoril; Second Spanish Republic; Estado Novo (Portugal).

Resumo

Recorrendo à imprensa portuguesa, nacional e local, e a obras memorialistas, este artigo aborda a estada do general José Sanjurjo em Portugal entre 1934 e 1936 e, através da sua presença, analisa a forma como o território português, em particular a região do Estoril, serviu de palco à conspiração destinada a derrubar a República espanhola. Através da análise do modo como Sanjurjo foi recebido e acolhido em Portugal, demonstra-se o alinhamento português com os planos dos rebeldes espanhóis e a importância que o país teve na concretização do golpe militar de julho de 1936.

Palavras-chave: José Sanjurjo; refúgio; Estoril; Segunda República Espanhola; Estado Novo (Portugal).

Introdução

O general José Sanjurjo y Sacanell (1872-1936), uma das grandes figuras da conspiração rebelde espanhola, estabeleceu residência em Portugal durante cerca de dois anos, entre 1934 e 1936, após ser libertado da prisão em Espanha, onde estivera detido na sequência de uma tentativa falhada de golpe de Estado contra o governo republicano-socialista, implementado a 14 de abril de 1931. Em Portugal, o general espanhol ficou alojado na região do Estoril, que se tornou num importante centro da conspiração da direita destinada a derrubar o governo republicano, legitimamente eleito em abril de 1931.

São já muitos os estudos, portugueses e espanhóis, que se dedicam a este período da história ibérica. No entanto, a imensa produção bibliográfica espanhola sobre a Segunda República tende, de certa forma, a ignorar fontes portuguesas, pelo que o exílio do general Sanjurjo em Portugal continua envolvido em mistério. Do mesmo modo, também é parca a bibliografia portuguesa que explora aprofundadamente este momento específico da história ibérica, que teve importantes implicações nos desenvolvimentos políticos da Europa no período entre as guerras. Importa, portanto, salientar algumas obras que têm abordado a confluência de temas que aqui nos ocupa. Entre estas contam-se as que se debruçam sobre a vida e o percurso político de José Sanjurjo, as que focam a conspiração de 1936 e as que analisam a política externa portuguesa, em particular a partir de 1934, em relação à República espanhola¹.

Este artigo pretende analisar a permanência desta importante personalidade espanhola no Estoril, do ponto de vista do acolhimento providenciado pelo governo português e pela população local, assim como procura compreender de que forma a sua estada contribuiu para que Portugal, e essa zona em particular, passasse a ser percecionado como um centro da conspiração da direita espanhola,

¹ Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo, héroe y víctima. El militar que pudo evitar la dictadura franquista*, Madrid, La Esfera de los Libros, 2004; Emilio Esteban-Infante, *General Sanjurjo (Un laureado en el penal del Dueso)*, Madrid, Editorial AHR, 1957; Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *1936. La conspiración*, Madrid, Síntesis, 2008; David Ruiz, *Octubre de 1934*, Madrid, Síntesis, 2008; Francisco Márquez Hidalgo, *Las sublevaciones contra la Segunda República*, Madrid, Síntesis, 2010; Francisco Alía Miranda, *Julio de 1936. Conspiración y alzamiento contra la II República*, Barcelona, Crítica, 2011; Angel Viñas, *La Alemania nazi y el 18 de julio*, Madrid, Alianza, 1977; Stanley G. Payne, *El colapso de la República. Los orígenes de la Guerra Civil (1933-1936)*, Madrid, La Esfera de los Livros, 2005; Stanley G. Payne, *El camino al 18 de julio. La erosión de la democracia en España (diciembre de 1935-julio de 1936)*, Madrid, Espasa, 2016; Gabriele Ranzato, *El eclipse de la democracia. La guerra civil española y sus orígenes, 1931-1939*, Madrid, Siglo XXI, 2006; César Oliveira, *Portugal e a II República de Espanha, 1931-1936*, Lisboa, Perspetivas & Realidades, 1985.

fundamental para que o golpe militar do 18 de julho de 1936 levasse a uma guerra civil que colocaria a direita no poder. Demonstra-se, desta forma, que Portugal foi um importante apoio, não só durante a guerra civil, como em toda a fase de preparação do levantamento militar. Recorre-se, para esse efeito, a fontes de diferente natureza, de que são exemplo a imprensa periódica, nacional e local, e obras memorialistas.

Da conspiração de Sevilha à entrada em Portugal

José Sanjurjo y Sacanell, 1.º marquês do Rife, nasceu em Pamplona, em março de 1872, escassos anos antes de se iniciar a chamada Restauração Bourbon, e faleceu em Cascais, no dia 20 de julho de 1936, na sequência de um acidente aéreo, quando se preparava para seguir para Espanha para liderar o golpe militar contra a República. Desde cedo que assumiu importantes cargos na política espanhola, servindo no reinado de Afonso XIII (1886-1941) e mostrando-se apoiante da ditadura de Miguel Primo de Rivera (1870-1930), a partir de 1923. Entre 1928 e 1932, desempenhou o cargo de diretor-geral da *Guardia Civil*. Foi, contudo, na liderança de uma tentativa de golpe de Estado contra o recém-instituído governo republicano que ganhou mais notoriedade nacional e internacional.

A implantação da Segunda República, a 14 de abril de 1931, no seio da qual se destacavam nomes como Manuel Azaña (1880-1940) e Niceto Alcalá-Zamora (1877-1949), veio agudizar as tensões políticas e sociais que já marcavam a realidade espanhola. A coligação republicano-socialista passou a revelar uma orientação anticlerical e laicista e pretendeu concretizar um importante programa de reformas em áreas diversas como as finanças, a propriedade e a hierarquia militar, além de fazer cedências às autonomias catalã, basca e galega. Estes objetivos geraram fortes divisões na sociedade espanhola e desencadearam importantes movimentos de oposição por parte das forças conservadoras mais afetadas pelas decisões do novo governo republicano, nomeadamente católicos, latifundiários, monárquicos e militares, impulsionando a ocorrência de várias tentativas revolucionárias².

Nos primeiros meses da Segunda República, José Sanjurjo continuou a exercer o cargo de diretor da *Guardia Civil* e, inclusive, foi nomeado Alto-comissário em

² Sobre a Segunda República de Espanha veja-se, por exemplo, os dois volumes da obra coletiva Leandro Álvarez Rey (coord.), *La Segunda República Española, 90 años después. Balances y perspectivas*, Madrid, Centro de Estudios Políticos e Constitucionales, 2022.

Marrocos pelo ministro da Guerra, o próprio Azãna. No entanto, rapidamente começaram a surgir divergências e o posicionamento do general alterou-se ao longo de 1931, sobretudo devido ao desencadear de perseguições religiosas, à repressão dirigida aos seus companheiros que tinham apoiado Primo de Rivera e a alguns assassinatos. O descontentamento de Sanjurjo levou-o a proferir declarações que culminaram na sua destituição da direção da *Guardia Civil*. Assim, o general era uma das muitas individualidades que se mostravam descontentes com a nova situação política, pelo que, a 10 de agosto de 1932, liderou uma revolta contra o governo republicano-socialista dirigido por Manuel Azaña, conhecida por *Sanjurjada*, em Sevilha³.

Aparentemente, o golpe em Sevilha fazia parte de um plano mais amplo de conspiração. Este consistia, num primeiro momento, em desencadear várias ofensivas em Madrid como manobra de distração para as forças governamentais na capital e região centro do país. O grande objetivo deste plano passava, no entanto, por concentrar esforços e fazer deflagrar movimentos revolucionários simultâneos em cinco guarnições (Valladolid, Pamplona, Sevilha, Granada e Cádiz), que seguiriam, posteriormente, para Madrid⁴.

Portanto, esta revolta coincidiu com uma outra sublevação localizada em Madrid, iniciada na madrugada desse dia. Segundo noticiava o *Diário de Lisboa*, os sublevados, essencialmente monárquicos, tanto militares afastados do serviço como civis, pretendiam ocupar os ministérios da Guerra e das Comunicações e restaurar o trono de Afonso XIII⁵. Em simultâneo, o general Sanjurjo decretava o estado de guerra em Sevilha, afirmando procurar justiça e denunciando os atentados, os abusos e as imoralidades do novo regime, para o que contou com o apoio da *Guardia Civil* dessa cidade. No entanto, a falta de coordenação e de unidade entre os revoltosos, visível na parca adesão ao movimento (só Madrid e Sevilha avançaram), condena a intentona ao fracasso, que facilmente é dominada pelas forças governamentais. Alegadamente, num primeiro momento, o líder da rebelião em Sevilha coloca a hipótese de fugir para Portugal, mas no dia seguinte decide entregar-se às autoridades em Huelva. Julgado e condenado à morte, acaba por ser indultado e preso em El Dueso, na Cantábria, onde permanecerá quase dois anos⁶. No entanto, a decisão de alterar

³ Sobre esta e outras revoltas contra a República veja-se Francisco Márquez Hidalgo, *Las sublevaciones contra la Segunda República*, Madrid, Síntesis, 2010.

⁴ José Manuel Martínez Bande, *Los años críticos: República, conspiración, revolución y alzamiento*, Madrid, Ediciones Encuentro, 2007, p. 59.

⁵ *Diário de Lisboa*, 10 de agosto de 1932, p. 4.

⁶ Elfidio Alonso Rodríguez, “Reflexiones sobre ‘ABC republicano’, a través de su director”, *70 años de ABC*, 1994, p. 158.

a pena do principal mentor da revolta de Sevilha não agradou a importantes figuras republicanas, entre as quais o líder socialista Juan Negrín (1892-1956), que considerava que a República havia cometido um erro ao indultar Sanjurjo, dando aso a que fosse relativamente fácil conspirar contra o governo⁷.

Aquando da revolta, o general Sanjurjo expõe à audiência de Sevilha os seus planos para o futuro de Espanha, que passavam por libertar o país daquilo que considerava ser os prejuízos morais e materiais provocados pela vigência do governo republicano, convocar novas Cortes Constituintes, responsáveis por definirem a melhor forma de governo a seguir, e realizar eleições inteiramente livres. Além disso, Sanjurjo acusava o novo governo de “tirania sectária, causador de grandes prejuízos nos interesses económicos e tendo também concorrido para o aumento da criminalidade em Espanha”⁸.

O facto de, nos inícios de 1932, Sanjurjo ter sido demitido do cargo de diretor da *Guardia Civil* e colocado na chefia dos carabineiros terá contribuído para que o general ganhasse mais notoriedade e apoios entre a extrema-direita espanhola. Sob a sua liderança, o movimento revolucionário conheceu um breve triunfo, uma vez que os revoltosos conseguiram capturar algumas importantes figuras republicanas locais, entre as quais o coronel Ildefonso Puigdemolas (1876-1936)⁹. Apesar do evidente falhanço, a direita retirou importantes conclusões a aplicar no futuro, nomeadamente a necessidade do apoio da *Guardia Civil* e da *Guardia de Asalto*, de anular as ações das autoridades municipais republicanas e dos líderes sindicais e, ainda, de avançar apenas com uma planificação bem definida¹⁰. No mesmo sentido, a direita percebeu que o Estado era mais forte do que havia pensado e que a oposição, ao nível da ação no terreno, estava reduzida a grupos demasiado pequenos¹¹. Portanto, a rebelião foi uma tentativa mal organizada de um grupo de indivíduos que apenas tinha em comum a mesma aversão à República.

⁷ Eduardo González Calleja, *Contrarrevolucionarios. Radicalización violenta de las derechas durante la Segunda República, 1931-1936*, Madrid, Alianza Editorial, 2011, p. 105.

⁸ *Diário de Lisboa*, 11 de agosto de 1932, p. 5 e 8.

⁹ Mais tarde, no contexto da Guerra Civil de Espanha, o coronel Puigdemolas seria o responsável pela defesa republicana da cidade de Badajoz. O triunfo das forças franquistas levou-o a fugir para Portugal, onde permaneceu detido no Forte de Caxias até 10 de outubro de 1936, quando foi repatriado, juntamente com cerca de 1.500 refugiados, para Tarragona, na Catalunha. Veja-se, a este respeito, Fábio Alexandre Faria, *Refugiados espanhóis em Portugal. Entre a repressão policial e a solidariedade popular, 1936-1945*, Tese de doutoramento, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, 2021, p. 263-266.

¹⁰ Paul Preston, *El holocausto español. Odio y exterminio en la Guerra Civil y después*, Barcelona, Debolsillo, 2011, p. 58-59.

¹¹ José Manuel Martínez Bande, *Los años críticos...*, cit., p. 64.

No dia seguinte ao golpe falhado, o *Diário de Lisboa* publicou uma reportagem, defendendo que Sanjurjo havia sido preso quando tentava fugir para Portugal, pelo que, por isso, não se entregou de livre vontade às autoridades franquistas. De acordo com a notícia, o general espanhol terá sido detido, na companhia do filho, capitão Justo Sanjurjo (1902-1936) e do general García de la Herrán (1880-1936), também participantes na revolta, quando, na madrugada do dia 11 de agosto, procurava obter informações junto de um civil sobre a melhor forma de chegar a Ayamonte. A presença dos revoltosos foi notada por um guarda civil que, encontrando-se naquela zona, declarou-lhes prisão, a qual foi respeitada sem resistência. Por volta das 8 horas da manhã, Sanjurjo e os seus aliados seguiam escoltados de Huelva em direção a Madrid¹².

Apesar de ter passado cerca de dois anos na prisão, o período de detenção do general espanhol pautou-se pela brandura, não experienciando, por isso, particulares amarguras durante a reclusão. De facto, “el régimen carcelario no pudo ser más benigno”, servindo até, dada a leviandade do castigo, como um incentivo a que a direita continuasse os seus planos conspirativos¹³. As mudanças ocorridas na política espanhola entre os finais de 1933 e os inícios do ano seguinte acabaram por se revelar benéficas para o general Sanjurjo, durante o chamado “biénio cedista”. No final de 1933 assistiu-se à formação de um novo governo, liderado pelo moderado Alejandro Lerroux (1864-1949), em que a direita passa a ter a maioria das pastas. Esta posição é reforçada cerca de um ano mais tarde, quando Lerroux procura apoio junto da Confederação Espanhola das Direitas Autónomas (CEDA) de José María Gil Robles (1898-1980)¹⁴, situação que se mantém até fevereiro de 1936, data do triunfo eleitoral da Frente Popular, que significa o regresso da esquerda ao poder.

É, precisamente, durante o governo de Alejandro Lerroux que as direitas conseguem concretizar o objetivo antigo de promulgar uma amnistia, a 24 de abril de 1934, destinada aos conspiradores da intentona de agosto de 1932¹⁵. Entre os amnistiados encontrava-se, naturalmente, o general José Sanjurjo, libertado no dia seguinte. Este acontecimento não passou despercebido à imprensa portuguesa, que já o noticiava desde o dia 21 de abril. Numa pequena reportagem, o *Diário de Lisboa* relatava que a cidade de Cádiz acordara num ambiente de festa devido à amnistia que iria ser concedida aos presos políticos implicados na *Sanjurjada*,

¹² *Diário de Lisboa*, 11 de agosto de 1932, p. 5.

¹³ Paul Preston, *El holocausto español...*, cit., p. 59.

¹⁴ José Miguel Sardica, *Ibéria. A relação entre Portugal e Espanha no século XX*, Lisboa, Alêtheia Editores, 2013, p. 110.

¹⁵ Veja-se Joaquín Olaguibel, *Abril de 1934. La amnistia de las derechas y la crisis del vituperio*, Sevilla, Ediciones Espuela de Plata, 2022.

pelo que os hotéis já se encontravam sobrelotados de familiares e amigos que os esperavam. Apesar de ainda se desconhecer qual seria o próximo destino de Sanjurjo, acreditava-se que passaria por Lisboa ou Tanger¹⁶.

Dois dias depois, ainda antes de se efetivar a amnistia, o mesmo jornal demonstrava mais certezas quanto ao futuro do general espanhol. Segundo a notícia, Sanjurjo já tinha o passaporte que lhe permitiria seguir para Portugal, mais concretamente para o Estoril, onde passaria a residir, carecendo apenas do decreto da amnistia para, devidamente escoltado, sair de Espanha em direção a Gibraltar, a partir de onde embarcaria com destino a Lisboa¹⁷. A partir deste território britânico, o general espanhol contactou com os espanhóis que já se encontravam no Estoril, informando-os sobre o local e a hora da chegada, o que explica o grande aparato observado nessa altura. Além disso, percebemos também que o acontecimento fez com que amigos do general se deslocassem de Espanha para o receber, como os antigos oficiais Emílio Esteban-Infantes Martín (1882-1962) e Luiz Pelaz La Torre, que, segundo relatou a imprensa, apreciaram o bom acolhimento das autoridades portuguesas e as facilidades concedidas pelo governo¹⁸.

O general Sanjurjo chegou a Lisboa na manhã do dia 26 de abril de 1934. O jornalista Félix Correia (1901-1969), do *Diário de Lisboa*, publicou um pequeno livro, anos mais tarde, em 1940, onde deixou relatada a sua chegada à capital portuguesa. Segundo este testemunho, a comitiva espanhola, constituída por Sanjurjo, esposa e filhos (Justo e Pepe), e, ainda, pelo amigo Ricardo Goizueta, viajou desde Gibraltar a bordo no navio holandês *Baloeran* e terá sido recebida em clima de euforia pelas muitas pessoas que se deslocaram ao cais, dando “vivas” a Espanha e ao próprio general. Félix Correia dá a entender que a chegada do general Sanjurjo foi revestida de entusiasmo, tanto da parte de portugueses, como dos muitos espanhóis que se encontravam no país, que queriam cumprimentar e chegar perto do líder da revolta de 10 de agosto de 1932¹⁹.

Para a escolha de Portugal como espaço de refúgio contribuiu a sua situação política, inicialmente com a Ditadura Militar e depois, a partir de 1933, com o autodenominado Estado Novo, favorável aos intentos da direita espanhola e ao desenvolvimento de atividades conspirativas, como viria a verificar-se até ao início da Guerra Civil de Espanha. Além disso, já havia entre os países ibéricos uma longa tradição de mobilidades populacionais,

¹⁶ *Diário de Lisboa*, 21 de agosto de 1934, p. 12.

¹⁷ *Diário de Lisboa*, 23 de agosto de 1934, p. 8.

¹⁸ *Diário da Manhã*, 27 de abril de 1934, p. 1.

¹⁹ Félix Correia, *Quem vem lá? Gente de paz! Gente de guerra...*, Lisboa, Edição do autor, 1940, p. 24-25.

por questões de trabalho, de lazer, de contrabando ou deslocações forçadas, de que o movimento de refugiados da guerra civil constituirá um importante exemplo. Quanto ao Estoril, era já uma destacada região acolhedora de estrangeiros, especialmente de classes sociais mais abastadas, que para aí se deslocavam por razões de veraneio, mas também de refugiados, incluindo os espanhóis que aí se acolheram após a implantação da República e o próprio golpe de agosto de 1932²⁰.

Acolhimento e atividades conspirativas no Estoril

A experiência de refúgio em Portugal foi francamente benéfica e favorável para o general Sanjurjo, assim como para todos os espanhóis que se opunham ao governo republicano no seu país. Como tal, a presença destes refugiados em terras portuguesas favoreceu também a causa da direita espanhola, apostada no derrube da República e na sua substituição por um regime de carácter autoritário e conservador, demandas com que o próprio governo salazarista também se identificava. Notamos esta amabilidade portuguesa na forma como, em agosto de 1934, a imprensa noticiou a chegada e a estada do general espanhol no Estoril, onde ficou hospedado no Hotel Miramar. A escolha desta unidade hoteleira, que adquiriu maior notoriedade a partir de então, relacionou-se com o facto de ser a única de 1.^a classe, além de ter ligações a Espanha, uma vez que era gerida pelos sócios espanhóis Ricardo Allen, Salvador Vilanueva e Ventura García Rodríguez²¹.

Num discurso profundamente apologético, o *Diário de Lisboa* caracteriza Sanjurjo como um “militar pequeno, modesto e simpático”, alguém que despertou a curiosidade e a simpatia da população portuguesa, e não só, desde que desembarcou em Lisboa. Já no hotel, conta o jornal português, “juntaram-se em volta de Sanjurjo, não só os numerosos emigrados espanhóis e os jornalistas e fotógrafos que foram de Lisboa, mas dezenas de estrangeiros que ali estão hospedados e que olhavam com curiosidade e admiração”²². O impacto gerado pela chegada da comitiva espanhola foi de tal forma significativo que a Tobis Portuguesa, que havia sido recentemente criada, em junho de 1932, realizou

²⁰ Fábio Alexandre Faria, “Passando a fronteira em tempos conturbados. Refugiados espanhóis em Portugal no decorrer da década de 1930”, *História – Revista da FLUP*, 13 (2023), p. 61-62.

²¹ Cristina Carvalho, “O parque hoteleiro nos Estoris cosmopolitas, 1930-1939”, *Dirhotel – Associação dos diretores de hotéis de Portugal*, 15 (2014), p. 34.

²² *Diário de Lisboa*, 26 de agosto de 1934, p. 6.

um documentário sobre esse momento, exibido no dia seguinte na capital espanhola²³, numa ação de clara propaganda a favor da direita espanhola.

A mesma amabilidade terá sido manifestada pelo próprio general, que, inclusive, distribuiu autógrafos a quem o solicitou, agradecendo a hospitalidade e o carinho demonstrados por Portugal, e mostrou-se disponível para responder a todas as questões colocadas. Questionado sobre as razões que o levaram a entrar em Portugal, Sanjurjo destacou a ordem, a prosperidade e o sossego do país, salientando também as muitas semelhanças entre os povos peninsulares, pelo “que quasi me sinto em Espanha”. Na mesma lógica, o general espanhol revela que as informações que lhe foram transmitidas por compatriotas já estabelecidos em Portugal contribuíram para a sua escolha, embora também tivesse tirado passaporte para França e Itália²⁴. A cordialidade do novo habitante do Estoril também foi destacada pelo *Novidades*, transcrevendo as declarações prestadas à chegada a Portugal, onde sublinhou a hospitalidade e o acolhimento carinhoso com que foi recebido²⁵.

Desde que se exilou em Portugal, poucas foram as vezes que o general Sanjurjo se deslocou para fora do país. No espaço de dois anos, foi uma vez a Espanha, deslocando-se desde Gibraltar até Jerez e, posteriormente, viajou até à Alemanha para assistir aos Jogos Olímpicos²⁶. Esta última viagem não terá sido, contudo, meramente lúdica, assentando, também, em motivações políticas, impulsionadas pelos novos desenvolvimentos ocorridos em Espanha, favoráveis ao regresso da esquerda ao poder, nos inícios de 1936. De facto, o verdadeiro motivo que o levou ao território germânico relacionou-se com o estabelecimento de contactos destinados a reforçar a conspiração das direitas espanholas, especialmente ao nível de material de guerra. O próprio Sanjurjo confirma esta dimensão da viagem à Alemanha nas cartas que remeteu a José António Primo de Rivera (1903-1936), entre março e abril de 1936, assumindo que estabeleceu contactos importantes durante a sua estadia nesse país que poderiam vir a

²³ Gabriel de Senna Pondé, *A morte do general Sanjurjo. Análise do tratamento da imprensa escrita portuguesa da época relativo ao acontecimento público*, Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2012, p. 30.

²⁴ *Diário de Lisboa*, 26 de agosto de 1934, p. 7.

²⁵ *Novidades*, 28 de abril de 1934, p. 3

²⁶ *Diário de Lisboa*, 20 de julho de 1936, p. 4. Por motivos de saúde, o general Sanjurjo deslocou-se também à província de Múrcia para tratamentos e, ainda, a Gibraltar, o que provocou um reforço da vigilância nessas regiões, receando-se que a sua presença pudesse fomentar a ocorrência de movimentos revolucionários (Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo...*, cit., p. 166-167).

ser úteis no futuro²⁷. Aquando desta deslocação, Sanjurjo encontrou-se com Wilhelm Canaris (1887-1945), chefe dos serviços de espionagem do Ministério da Guerra, que lhe garantiu o auxílio germânico e o reconhecimento oficial do futuro governo espanhol, e contactou com os futuros embaixadores alemães em Burgos, Wilhelm von Faupel (1873-1945) e Eberhard von Stohrer (1883-1953), além dos vários acordos que também estabeleceu com Itália e Portugal²⁸.

Efetivamente, a Alemanha nazi revelou-se o principal apoio das forças franquistas durante a Guerra Civil de Espanha, contribuindo decisivamente para o seu triunfo, em abril de 1939. Por outro lado, a existência desta correspondência demonstra que, enquanto permaneceu em Portugal, Sanjurjo manteve um contacto próximo com os seus correligionários, essencial para o desenvolvimento dos planos conspirativos. Para este fim, foram também fundamentais os encontros realizados no Estoril, com a conivência do governo e das autoridades salazaristas, comprometidos que estavam com os objetivos definidos pelos rebeldes espanhóis. Como afirma Bernardo Futscher Pereira, Salazar encontrava-se ao corrente da conspiração da direita espanhola, embora pudesse não conhecer com total exatidão todos os planos que estavam a ser delineados. Somava-se o contacto próximo que importantes figuras do regime, diretamente relacionadas com Salazar, mantinham com destacadas personalidades da direita espanhola, caso de Luís Teixeira de Sampaio, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que o mantinham informado sobre o desenvolvimento dos preparativos conspirativos²⁹.

A implantação da Segunda República, em 1931, fora o primeiro momento que, na década de 1930, fizera deslocar para Portugal espanhóis que se opunham ao novo governo republicano, aproveitando a já antiga tradição de sociabilidades peninsulares. No ano seguinte, alguns dos implicados no golpe falhado de Sanjurjo também procuraram acolhimento no país vizinho, intensificando, então, o movimento migratório iniciado anteriormente. É, contudo, a entrada do general espanhol, em 1934, que impulsiona uma deslocação mais numerosa de cidadãos dessa nacionalidade, que passarão a gravitar em seu redor³⁰. Esta afluência foi de tal forma significativa que, para responder a todas as solicitações, o Hotel Miramar

²⁷ Roberto Muñoz Bolaños, “Capitán José Sanjurjo Sacanell” in *Diccionario biográfico español*, vol. XLV – de Sáez Martínez a Santa Cruz Blasco, Madrid, Real Academia de la Historia, 2013.

²⁸ Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo...*, cit., p. 169-171.

²⁹ Bernardo Futscher Pereira, *A diplomacia de Salazar*, Lisboa, D. Quixote, 2012, p. 76.

³⁰ Desconhecem-se dados que permitam quantificar de forma exata estes fluxos migratórios. No entanto, conseguimos compreender a existência de movimentos populacionais mais numerosos com a chegada do general Sanjurjo, em 1934, e após a Frente Popular vencer as eleições, em

sentiu necessidade de solicitar a colaboração da Pensão Boaventura, propriedade de um dos sócios do Miramar e localizada no Chalé Madalena³¹. Somava-se, ainda, a presença de refugiados de outras nacionalidades, tornando o Estoril num importante centro de refúgio em Portugal, numa Europa que, cada vez mais, passava a ser um espaço de convulsões políticas e sociais. Entre estes, contavam-se algumas dezenas de brasileiros que fugiram para essa região na sequência de uma revolução ocorrida em São Paulo nos inícios da década de 1930³².

No que concerne aos refugiados espanhóis, eram, na sua maioria, elementos monárquicos, conservadores e militares interessados no derrube da República e na implementação de um governo autoritário de direita. Entre estes, e além do general Sanjurjo, os mais renomados eram o marquês de Quintanar (Fernando Gallego de Chaves Calleja, 1889-1974) e José Calvo Sotelo (1893-1936)³³. Este último seria assassinado em Espanha nas vésperas da guerra civil, num contexto de crescentes animosidade política e violência. Sensivelmente a partir desta altura, a entrada de espanhóis tornou-se de tal forma significativa que os jornais portugueses sentiram necessidade de passar a anunciar a venda de moradias e quintas com a indicação dos preços em pesetas. Por outro lado, a presença destes refugiados em solo lusitano motivou a imprensa portuguesa a identificar o novo governo republicano com o caos e a desordem³⁴.

Podemos considerar dois grandes momentos de entrada de refugiados opositores à República no decorrer da década de 1930: após abril de 1934, na sequência do estabelecimento do general Sanjurjo no Estoril, e depois de fevereiro de 1936, quando a Frente Popular venceu as eleições espanholas. Estes acontecimentos impactaram, por isso, a presença de espanhóis no país, visível, por exemplo, na fixação de 2.600 cidadãos dessa nacionalidade entre fevereiro e julho de 1936³⁵. De acordo com algumas estimativas, após esta mudança política em Espanha, cerca de 15.000 pessoas ter-se-ão deslocado para Portugal, entre as quais um número significativo de monárquicos e conservadores³⁶.

fevereiro de 1936, através das notícias publicadas na imprensa local, que remetem para a presença de um maior número de espanhóis nesses momentos.

³¹ Cristina Carvalho, “O parque hoteleiro...”, cit., p. 34.

³² Maria Cristina de Carvalho dos Anjos, *O turismo no eixo costeiro Estoril-Cascais (1929-1939): equipamentos, eventos e promoção do destino*, Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, p. 59.

³³ José Miguel Sardica, *Ibéria...*, cit., p. 108.

³⁴ César Oliveira, *Portugal...*, cit., p. 78.

³⁵ Luís Cunha, *Memória social em Campo Maior: usos e percursos da fronteira*, Lisboa, D. Quixote, 2006, p. 260.

³⁶ Michael Alpert, *A new international history of the Spanish Civil War*, New York, Palgrave, 1994, p. 53.

Assim, na sua maioria, estas vagas de refugiados anteriores à Guerra Civil de Espanha eram compostas por espanhóis que tinham um objetivo político bastante claro, o de fazer cair a República. Para isso, serviram-se do território português, uma vez que o governo salazarista não lhes colocou obstáculos e até facilitou a sua entrada e movimentação³⁷. Diferenciaram-se, a vários níveis, dos refugiados que entraram durante a guerra civil, como a filiação política, o estatuto social, o acolhimento ministrado pelo governo português e os espaços por onde transitaram, especialmente localizados no litoral, como Lisboa, Figueira da Foz e Estoril³⁸. Em relação a esta última localidade, o jornalista inglês Ralph Winston Fox (1900-1936) testemunhou a presença destes espanhóis ilustres e politicamente comprometidos, logo nos primeiros momentos da contenda então iniciada em Espanha³⁹.

Poucos meses após a chegada de Sanjurjo ao Estoril ocorre, em Espanha, o movimento revolucionário de outubro de 1934. Desde o verão desse ano que o general espanhol mantinha encontros assíduos com importantes elementos da política espanhola, por intermédio dos quais acompanhava o desenrolar dos acontecimentos no seu país, nomeadamente o reforço da posição da direita e os planos conspirativos da esquerda⁴⁰. Além destes encontros presenciais, Sanjurjo recorreu também a uma regular troca de correspondência com amigos e familiares que se mantinham em Espanha, cuja leitura permite conhecer os avanços e os recuos na preparação do golpe militar, assim como a perceção dos seus principais intervenientes. Os comentários passados ao general exilado convergiam na ideia de que, no verão de 1934, Espanha se encontrava à beira da desintegração nacional e do domínio soviético e que apenas Sanjurjo a poderia salvar do caos. Entre os principais remetentes contaram-se Emilio Mola y Vidal (1887-1937) e Emilio Esteban-Infantes, outro dos militares implicados na intentona de agosto de 1932⁴¹. A insurreição dos inícios de outubro de 1934, organizada pelas esquerdas e com particular foco nas Astúrias e na Catalunha, foi um dos episódios que mais despertou a atenção e a preocupação do general Sanjurjo, que se manteve ao corrente dos acontecimentos por intermédio das missivas endereçadas por várias figuras da vida política, desde diversos pontos de Espanha, como Antonio Royo Villanova (deputado por Valladolid) e, inclusive, pelo próprio filho,

³⁷ César Oliveira, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições O Jornal, 1987, p. 114.

³⁸ Fábio Alexandre Faria, *Refugiados espanhóis...*, cit., p. 42.

³⁹ Ralph Fox, *Portugal now – Um espião comunista no Estado Novo, 1936*, Lisboa, Tinta-da-china.

⁴⁰ Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo...*, cit., p. 143-144.

⁴¹ Fernando del Rey Reguillo, “Percepciones contrarrevolucionarias. Octubre de 1934 e el epistolario del General Sanjurjo”, *Revista de Estudios Políticos*, 159 (2013), p. 83-86.

Justo, que se havia deslocado para Barcelona. Todas as cartas recebidas neste momento refletiam a inquietação que grassava entre os conservadores a respeito do desmoronamento da unidade nacional e da ordem social⁴².

As informações recebidas levaram Sanjurjo a contactar telefonicamente com um dos seus remetentes, Royo Villanova, manifestando a sua disponibilidade para colaborar com o governo espanhol de Alejandro Lerroux, perante a resistência e a insurreição revolucionária das esquerdas⁴³. Esta disponibilidade do general espanhol teve o condão de acalentar as esperanças e gerar entusiasmo entre o seu círculo mais próximo e os seus partidários, desejosos do seu regresso do exílio para combater a rebelião das esquerdas, que entendiam ser o reverso do 10 de agosto de 1932⁴⁴. Assistiu-se, ao longo de 1935, à manutenção dos contactos entre Sanjurjo e os seus correligionários, amigos e familiares, que, em particular, davam conta da realização das primeiras reuniões com fins conspirativos nos finais desse ano. No início do ano seguinte, o triunfo da Frente Popular nas eleições de fevereiro permite o regresso das esquerdas ao poder e, consequentemente, a intensificação das propostas de sublevação militar⁴⁵.

Sanjurjo era, sem dúvida, a principal figura exilada em Portugal. Assim, não se estranha que a sua presença tenha passado a ser atrativa para muitos espanhóis que também eram favoráveis à queda da República, juntando-se, àqueles que passaram a residir na região, as muitas visitas sazonais. Entre estes contaram-se elementos enviados pelo general Emilio Mola, outra importante figura da conspiração, monárquicos, especialmente pertencentes à *Renovación Española*, um partido de ideologia monárquica de direita, militares antirrepublicanos, assim como Manuel Fal Conde (1894-1975) e Juan Antonio Ansaldo (1901-1958), entre outros⁴⁶. Portanto, indivíduos provenientes de vários quadrantes políticos convergiam no Estoril e em Lisboa unidos pela mesma missão.

Nos inícios de março de 1936, pouco tempo após regressar da sua viagem à Alemanha, o general Sanjurjo recebe uma carta remetida por Emilio Mola, onde este, manifestando a sua lealdade incondicional, lhe reconhece a liderança da conspiração contra o governo republicano, mesmo antes “de la crucial reunión celebrada por la “Junta de Generales” el 8 de marzo”, onde se delinearão os planos da rebelião e se atribuiu formalmente a chefia a Sanjurjo⁴⁷.

⁴² Fernando del Rey Reguillo, “Percepciones contrarrevolucionarias...”, cit., p. 90.

⁴³ Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo...*, cit., p. 146.

⁴⁴ Fernando del Rey Reguillo, “Percepciones contrarrevolucionarias...”, cit., p. 95.

⁴⁵ Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo...*, cit., p. 168.

⁴⁶ César Oliveira, *Portugal...*, cit., p. 265.

⁴⁷ Fernando del Rey Reguillo, “Los papeles de un conspirador. Documentos para la historia de las tramas golpistas de 1936”, *Dimensioni e problemi della ricerca storica*, 2 (2018), p. 131.

O acompanhamento que o general espanhol faz dos preparativos da conspiração, por intermédio de encontros pessoais e da troca de correspondência, revela-lhe alguma incapacidade e falta de decisão, o que comprometia o sucesso do movimento e, naturalmente, preocupava Sanjurjo⁴⁸.

Por outro lado, alguns destes encontros também ocorreram devido às divergências existentes entre as chefias rebeldes nas vésperas da guerra civil, como as mantidas entre o general Mola e Fal Conde, líder dos carlistas. Neste contexto, Sanjurjo foi requisitado para servir de mediador nas diferenças, encontrando-se com ambos. Fal Conde participou numa reunião com o general Sanjurjo e o príncipe Javier Borbón (1889-1977), com o objetivo de preparar o envolvimento do movimento carlista na contenda⁴⁹. Foi também neste contexto de tentativa de saneamento das divergências entre os conspiradores que, nas vésperas do levantamento, o general espanhol recebeu a visita de outro elemento das direitas, um carlista convicto, Antonio de Lizarza Iribarren (1891-1974)⁵⁰. Assiste-se, portanto, a um constante vai-e-vem de agentes carlistas entre Espanha e o Estoril, que confirma a tese da cumplicidade do Estado Novo português na conspiração das direitas espanholas.

O próprio embaixador espanhol ao serviço da República, a exercer funções em Portugal desde maio de 1936, Claudio Sánchez Albornoz (1893-1984), tinha consciência das atividades conspirativas levadas a cabo no Estoril, com ampla participação do general Sanjurjo. Da mesma forma, tal facto também não passou despercebido a Salazar que, inclusive, mantinha contactos próximos com o marquês de Quintanar, com quem reunia regularmente, sobretudo após o triunfo eleitoral da Frente Popular, uma vez que foi a partir desta altura que se assistiu a uma aceleração da conspiração rebelde. Assim que a insurreição estalou no outro lado da fronteira, Salazar reuniu-se com altas individualidades portuguesas e espanholas, como o capitão Agostinho Lourenço (1886-1964), diretor da PVDE, o ministro do Interior Mário Pais de Sousa (1891-1949), o general Sanjurjo e o marquês de Quintanar⁵¹. Alguma historiografia tem sublinhado que, devido às relações mantidas entre os conspiradores espanhóis e a direita portuguesa próxima de Salazar, o governo e as autoridades policiais

⁴⁸ Enrique Sacanell Ruiz de Apodaca, *El general Sanjurjo...*, cit., p. 168.

⁴⁹ Rúben Serém, *Conspiracy, coup d'état and civil war in Seville (1936-1939): History and myth in Francoist Spain*, Liverpool, Liverpool University Press, 2017, p. 37-38.

⁵⁰ José Manuel Martínez Bande, *Los años críticos...*, cit., p. 240.

⁵¹ Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar. Uma biografia política*, Lisboa, D. Quixote, 2010, p. 218. Salazar deixou registado este encontro, realizado às 15h do dia 18 de julho de 1936, nos seus diários (o autor consultou o eBook da obra Madalena Garcia (ed.), *Diários de Salazar 1933-1968*, Porto, Porto Editora, 2021, que não se encontra paginada).

portuguesas estavam cientes da ocorrência eminente de um golpe militar⁵². Mais especificamente, o próprio marquês de Quintanar ter-se-á deslocado a Portugal, poucos meses antes do início da guerra civil, para informar sobre os preparativos da conspiração⁵³, como assinalam os diários de Salazar.

Constitui também exemplo das reuniões da direita espanhola em Portugal, e do conhecimento do governo português relativamente aos preparativos conspirativos, o encontro ocorrido em maio de 1936 no Estoril. Esta reunião contou com representantes dos países que, no decorrer da guerra civil, se oporiam ao governo republicano, demonstrando que o território português, mais do que servir para a organização do golpe entre os rebeldes espanhóis, foi um espaço em que os apoios estrangeiros se começavam a reunir para concertar ações a favor do derrube da República. De acordo com correspondência trocada entre membros da *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT) e da *Federación Anarquista Ibérica* (FAI), dois meses antes do início da guerra civil, estiveram reunidos no Estoril os generais espanhóis José Cavalcanti (1871-1937), que participara na *Sanjurjada*, e Fernández Pérez, autoridades portuguesas e os ministros alemão e italiano, Hans Herman Volkers e Pedrazzi, respetivamente⁵⁴. Tendo em consideração a origem destas informações, provenientes de grupos da oposição de esquerda, devemos colocar-lhes algumas reservas, já que muitas não passavam de boatos.

A manutenção assídua de correspondência prova que muitos destes refugiados se encontravam bem relacionados com a direita portuguesa e importantes figuras do regime salazarista, o que, evidentemente, facilitava a sua circulação pelo país em momentos de maior necessidade, como o período que antecedeu a guerra civil. Observa-se, portanto, a importância do estabelecimento de contactos prévios no processo de entrada em Portugal, tanto antes como durante o conflito. De facto, também os refugiados republicanos pós-julho de 1936 recorreram às sociabilidades existentes entre os dois lados da fronteira, por questões de trabalho, de lazer, de contrabando, familiares ou de amizade, na procura por refúgio no país vizinho⁵⁵. Destaca-se, neste particular, o caso do marquês de Quintanar, que se correspondeu de forma assídua com o casal António Ferro (1895-1956) e Fernanda de Castro (1900-1994), antes, durante

⁵² César Oliveira, *Salazar...*, cit., p. 115.

⁵³ Carlos Olavo, “Guerra Civil de Espanha” in António Barreto e Maria Filomena Mónica (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. 8, Lisboa, Figueirinhas, 1999.

⁵⁴ Filomena Abreu, “A rádio portuguesa e a Guerra Civil de Espanha” in Fernando Rosas (coord.), *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições Colibri/FCSH da UNL, 1998, p. 127-128.

⁵⁵ Fábio Alexandre Faria, *Refugiados espanhóis...*, cit., p. 54.

e após a Guerra Civil de Espanha. O relacionamento entre estas figuras advinha do facto de estarem ligados à área da cultura e da literatura, pelo que partilhavam ideias e mantinham contactos mais próximos, que acabaram por ser resgatados nos anos que antecederam o conflito espanhol. Cite-se, a título de exemplo, a tradução que o marquês de Quintanar fez da obra de António Sardinha (1887-1925), em 1930, de quem, aliás, era amigo pessoal, *A Aliança Peninsular – Antecedentes e Possibilidades*, publicada em 1924⁵⁶.

Além disso, vários destes refugiados já tinham um conhecimento do território português, fruto de viagens anteriores, o que ajudava à integração no novo país. Nos inícios de 1922, o marquês de Quintanar, que seria diretor da revista *Acción Española*, nos inícios da década de 1930, escrevia a António Ferro, referindo-se a uma viagem ao Estoril, o que demonstra que já se encontrava familiarizado com a região quando se refugiou durante o período da Segunda República de Espanha⁵⁷. Nos inícios de 1925, numa nova correspondência, o ensaísta espanhol mencionou uma nova viagem por Portugal, contemplando um longo itinerário que passava por localidades como Viseu, Buçaco, Coimbra, Estoril, Lisboa, Cascais, Évora e Elvas⁵⁸. É ainda mais reveladora desta proximidade a carta que o marquês de Quintanar escreveu a Fernanda de Castro aquando da morte de António Ferro, em novembro de 1956, na qual aludia a vários momentos que marcaram a amizade mantida entre os casais, nomeadamente uma viagem por Portugal com a participação de escritores de vários países e os diversos encontros literários realizados em casa do casal Ferro, terminando com um sentido “un cariño de auténticos amigos de siempre te abrazan”⁵⁹. Nas memórias redigidas mais tarde, Fernanda de Castro também se refere a este relacionamento, não só com o marquês de Quintanar, mas também com outros espanhóis, vários deles refugiados em Portugal neste período⁶⁰.

A imprensa nacional e local não ficou indiferente à presença espanhola no Estoril. Na sua edição de 13 de setembro de 1935, o *Diário de Lisboa*, mantendo o seu discurso elogioso à direita espanhola, refere que “muitas visitas agradáveis tem recebido no seu voluntário desterro o heroico general Sanjujro”, o que contribuiu para elevar a região, sobretudo do ponto de vista turístico, uma vez que a propagandeavam no regresso a Espanha. Destaca este jornal a visita de dois amigos íntimos do general espanhol, António Cañero e Tomás Borrás, que o fizeram recordar dos tempos em Espanha e o acompanharam nos passeios

⁵⁶ Maria da Conceição Cabrita, “Aliança Peninsular”, *Revista Militar*, 2496, (2010).

⁵⁷ Fundação António Quadros (Rio Maior), Fundo AFC, Caixa 023, Correspondência.

⁵⁸ Fundação António Quadros (Rio Maior), Fundo AFC, Caixa 023, Correspondência.

⁵⁹ Fundação António Quadros (Rio Maior), Fundo AFC, Caixa 023, Correspondência.

⁶⁰ Fernanda de Castro, *Memórias (1906-1987)*, Rio Maior, Fundação António Quadros, 2024.

pelo Estoril, desde o Hotel Palácio ao Casino⁶¹. No âmbito local, *O Estoril* revela que, no verão de 1934, poucos meses após a chegada de Sanjurjo se assistiu a um aumento do número de famílias espanholas na região, tendência que se manteve no ano seguinte, quando, também no estio, se contabilizava a estada de cerca de 2.000 espanhóis⁶². Assim, a permanência de Sanjurjo e dos restantes conspiradores no Estoril favoreceu, não só a causa rebelde da direita espanhola, mas também a própria região portuguesa, beneficiando-a em termos económicos. Além disso, a presença destas figuras espanholas contribuiu para o desenvolvimento da aura cosmopolita do Estoril, que se tornou na base não oficial da resistência da direita espanhola⁶³.

A instabilidade e a violência que marcaram as vésperas da Guerra Civil de Espanha, de que foi exemplo o assassinato de Calvo Sotelo, refletiram-se em Portugal, sobretudo ao nível da entrada de espanhóis, que se manteve particularmente atento ao desenrolar dos acontecimentos. Poucos dias antes do golpe militar, o *Diário de Lisboa* noticiava a chegada de várias famílias espanholas aos hotéis de Viana do Castelo. Do lado de Espanha acreditava-se que o general Sanjurjo regressaria na noite do dia 15 de julho para liderar um movimento revolucionário, pelo que as autoridades espanholas estavam empenhadas num reforço da vigilância fronteiriça na região do Minho. Segundo o mesmo jornal, o general espanhol não manifestava interesse em regressar ao seu país e afirmava estar “completamente afastado de toda e qualquer atividade política”⁶⁴. No entanto, como bem sabemos, esta última afirmação não corresponde, de todo, à verdade, uma vez que Sanjurjo foi um dos grandes estrategas do golpe de julho de 1936.

Comprova também a afinidade político-ideológica do Estado Novo com a direita espanhola a forma como a viúva de José Calvo Sotelo foi recebida em Portugal no dia 18 de julho, quando principiava a guerra civil. A primeira página do *Diário de Lisboa* desse dia era dedicada ao levantamento militar ocorrido na véspera no território espanhol em Marrocos, contendo também uma pequena notícia sobre a chegada da família de Calvo Sotelo à capital portuguesa. De acordo com este periódico, Enriqueta de Calvo Sotelo foi recebida “por numerosos espanhóis, que saudaram respeitosamente a enlutada senhora e a acompanharam a pé até ao hotel da Baixa, onde seu marido se hospedou quando esteve refugiado em Portugal após a proclamação da República espanhola”. No

⁶¹ *Diário de Lisboa*, 13 de setembro de 1935, p. 4.

⁶² *O Estoril*, 28 de outubro de 1934 e 31 de agosto de 1935, p. 1.

⁶³ Anjos, *O turismo... cit.*, p. 36.

⁶⁴ *Diário de Lisboa*, 15 de julho de 1936, p. 5.

percurso até ao hotel, a viúva foi acompanhada de perto pelo general Sanjurjo e por outras importantes figuras da direita espanhola, como o marquês de Quintanar e a marquesa de Arguelles. Nesta mesma notícia, o *Diário de Lisboa* refere que a esposa de Calvo Sotelo tinha intenção de viajar até ao Estoril para o visitar, fazendo-o após o assassinato “porque a toda a hora estavam recebendo avisos de que os iam matar para “exterminar la raza”⁶⁵. Entendemos que Enriqueta Sotelo considera que os inimigos políticos do marido, da facção republicana, pretendiam continuar o que haviam começado com Calvo Sotelo e assassinar a restante família. Aliás, terá sido este receio que a impulsionou a entrar em Portugal.

Com o início do golpe, e a prolongada guerra civil, a região do Estoril continuou a ser um importante ponto de apoio para os revoltosos. Com efeito, o Rádio Clube Português (RCP), de Jorge Botelho Moniz (1898-1961), passou a desenvolver uma intensa campanha que visava a angariação de donativos para as tropas de Franco, acumulando grandes quantidades de mantimentos, medicamentos e vestuário, que seguiam para Espanha em diversas viaturas, também organizadas pelo RCP. Estas eram cedidas por privados, particularmente sedeados no Monte Estoril (de que é exemplo, a Garagem Alvarez, do espanhol Celso Alvarez), e o transporte ficava a cargo de espanhóis refugiados na região. Importantes figuras da conspiração rebelde eram presença assídua nos estúdios do RCP, o que denota o alinhamento do regime português com a causa nacionalista, entre as quais o marquês de Quintanar, Gil Robles, Mariano Amoedo, Suárez Infiesta, conde de Peña Castillo e marquês de Contadero⁶⁶.

Em 1936, Ralph Fox, comunista, passou por Portugal quando se encaminhava para combater na guerra civil e comprovou o colaboracionismo e a disponibilidade de Salazar para que o território português continuasse a ser utilizado como espaço de apoio à conspiração da direita espanhola e aos rebeldes de Franco. Segundo Fox, “O Estoril [...] É o paraíso de um exilado”, onde “Os grandes de Espanha, os condes, marqueses e duques [...] enchem o casino todas as noites [...] sentam-se na esplanada à tarde, apanham banhos de sol [...] de manhã”⁶⁷. Continuava o jornalista inglês, descrevendo a forma como passavam os dias e como se movimentavam no Estoril. Embora muitos fossem homens mais velhos, “muito altivos e pálidos”, também se encontravam jovens no Estoril e em Lisboa, entre os quais “oficiais das forças franquistas a gozar licença”, elementos pertencentes à Falange ou indivíduos que trabalhavam

⁶⁵ *Diário de Lisboa*, 18 de julho de 1936, p. 1.

⁶⁶ Filomena Abreu, “A rádio portuguesa...”, cit., p. 129.

⁶⁷ Ralph Fox, *Portugal now...* cit., p. 65-66.

em instituições civis ou militares franquistas na capital portuguesa. De uma forma geral, as noites, e mesmo alguns dias, eram passados nos bares dos hotéis onde estavam hospedados, como o Vitória e o Aviz, frequentemente acompanhados por “umas raparigas encantadoras que se sentam com eles”. Ao nível profissional, as ações conspirativas constituíam a principal atividade destes espanhóis, destinadas a prejudicar o grupo republicano, tentando levar os trabalhadores anarquistas a aderir à Falange ou influenciando a imprensa portuguesa no sentido de denegrir a imagem dos “vermelhos”⁶⁸.

Conspiração à parte, durante os dois anos que permaneceu no Estoril, Sanjurjo experienciou dois importantes momentos na sua vida pessoal. Nos inícios de agosto de 1934, assistiu ao casamento do seu filho Justo com a filha da marquesa de Villamediana, Maria de la Concepción de Camín y de Lara, que, além da presença dos espanhóis com quem o general se relacionava em Portugal, contou com a visita de concidadãos vindos de Espanha, entre os quais José Félix Lequerica, João Inácio Luca de Tena, o marquês de Orellana e Honório Maura y Gamazo⁶⁹. Poucos meses depois, em 1935, Sanjurjo é pai novamente, desta vez de uma menina, a que deu o nome de Carlota⁷⁰. Para o general espanhol, Portugal não foi, portanto, apenas um espaço de refúgio e conspiração, representando também um lugar de importantes concretizações pessoais e familiares.

A morte antes do triunfo

No entanto, a pequena Carlota ficaria órfã de pai com cerca de um ano de idade, uma vez que, no dia 20 de julho de 1936, um acidente aéreo vitimou o general Sanjurjo quando se dirigia para Espanha para liderar a rebelião, abrindo assim caminho à chefia do general Francisco Franco na guerra civil e a uma prolongada ditadura, que só terminaria cerca de 40 anos depois, em 1975.

Olhando para os últimos meses de atividade espanhola no Estoril, compreende-se que o golpe militar tenha entusiasmado os muitos espanhóis residentes nessa região, pelo que acompanhavam com atenção as notícias transmitidas pelas rádios e todas as informações a que tinham acesso pelo telefone ou por intermédio de amigos e conhecidos. À cabeça deste grupo

⁶⁸ Ralph Fox, *Portugal now...*, cit., p. 66-68.

⁶⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Empresa Pública Jornal O Século, Álbums Gerais, n.º 31.

⁷⁰ Roberto Muñoz Bolaños, “Capitán José Sanjurjo Sacanell...”, cit., s.p.

estava, evidentemente, o general Sanjurjo, que “até de madrugada esteve ouvindo as comunicações dos postos emissores em poder dos revoltosos”, encontrando-se “absolutamente identificado com os seus camaradas Franco e Mola e com todos os espanhóis que neste momento lutam pela Nação”. O sentimento entre os espanhóis instalados no Estoril era, pois, de profunda confiança no triunfo do golpe militar, como era manifestado por figuras como o jornalista e deputado Juan Pujol, que havia entrado recentemente em Portugal, na mesma altura em que chegaram Alejandro Lerroux e a viúva de Calvo Sotelo⁷¹.

Apesar desta firme convicção, o início da guerra civil não decorreu sem contratempos para os revoltosos, nomeadamente ao nível da liderança do movimento. No dia 20 de julho, a primeira página do *Diário de Lisboa* abria com a notícia “O general Sanjurjo morreu carbonizado quando descolava hoje, num avião, no campo de corridas da Marinha, em Cascais”. Relatava este periódico, num tom elogioso, que este acidente, ocorrido por volta das 16h30, “custou a vida ao grande cabo-de-guerra espanhol”, quando era transportado para Espanha pelo aviador Juan Antonio Ansaldo, que sobreviveu à queda com ferimentos ligeiros. A ocorrência do acidente motivou a deslocação ao local de “milhares de pessoas e todos os emigrados espanhóis que se encontram em Lisboa”, o que, a ser verdade, atesta o grande impacto que o general Sanjurjo teve na região e entre os seus concidadãos⁷². O mesmo enaltecimento está presente na forma como o jornalista Artur Portela (1901-1959) terminou uma notícia em que evocou o recém-falecido general espanhol, “morreu Sanjurjo, o grande soldado de Espanha!⁷³”.

De acordo com os relatos do acidente, decorreram poucos minutos desde que a avioneta descolou até cair, após a quebra de uma hélice, que provocou a perda de velocidade. Uma vez que se tratava da partida do general Sanjurjo para Espanha, encontravam-se algumas pessoas no campo de Cascais, que acorreram ao local da queda e retiraram o aviador Juan Ansaldo, posteriormente conduzido ao Hospital da Misericórdia de Cascais. Entre estas pessoas estava a esposa do general espanhol. Cerca de um ano após o acidente, Portugal continuava a recorrer a um discurso elogioso para evocar Sanjurjo. Em setembro de 1937, referia-se “No céu, para onde vão todas as almas boas como a sua [...], deve estar contente o glorioso general José Sanjurjo”⁷⁴.

⁷¹ Félix Correia, *Quem vem lá?...*, cit., p. 31-32.

⁷² *Diário de Lisboa*, 20 de julho de 1936, p. 1.

⁷³ *Diário de Lisboa*, 20 de julho de 1936, p. 3.

⁷⁴ Félix Correia, *Quem vem lá?...*, cit., p. 32-33.

Quanto às causas do acidente, existiram, evidentemente, várias versões. O próprio Ansaldo considerava que a queda do avião havia sido provocada pelo excesso de bagagem transportada pelo general. Outras vozes, como Bravo Morata e Sacanell Ruiz de Apodaca levantavam a hipótese de sabotagem, embora nunca confirmada⁷⁵. Por outro lado, alguns políticos monárquicos, como Eugenio Vegas Latapie e Pedro Sainz Rodríguez, atribuem as culpas do acidente ao ato imprudente e irrefletido de Juan Ansaldo, uma vez que desobedecera às instruções do general Mola e decidira levantar voo num lugar pouco apropriado para o efeito. De facto, as ordens vindas de Espanha haviam ido no sentido de ser o piloto francês Lacombe a levar o general Sanjurjo ao seu país natal, num avião bimotor mais seguro, que, aliás, já se encontrava em Portugal desde o dia 18 de julho, e não Ansaldo, que, ainda assim, insistira em concretizar tal ação⁷⁶. Cabe mencionar que o governo e as autoridades portuguesas acompanharam todo o processo de embarque do general espanhol. Quando se iniciou a guerra civil, Sanjurjo solicitou autorização para poder levantar voo a partir do aeródromo militar de Alverca, algo que o governo republicano queria evitar e pediu ao seu congénere português que fosse recusado. No entanto, Salazar, em mais um ato de cumplicidade com a causa rebelde, anuiu à solicitação da República espanhola, mas autorizou que Sanjurjo descolasse a partir de um aeródromo civil, num movimento coordenado com a polícia portuguesa liderada por Agostinho Lourenço, a quem o general espanhol já havia recorrido em primeira instância⁷⁷.

Nos dias que se seguiram ao acidente, a imprensa portuguesa continuou a informar sobre as cerimónias fúnebres do general Sanjurjo e a recuperação de Ansaldo, ao mesmo tempo que noticiava sobre o avanço dos acontecimentos em Espanha. Segundo o *Diário de Lisboa*, a queda da avioneta teria sido provocada pelo excessivo peso dos depósitos cheios, que sobrecarregou o aparelho no momento da descolagem, levando a um esforço não suportado, a que se somou ainda o campo pouco apropriado para o efeito. Em relação às cerimónias fúnebres, este periódico informava que o corpo do general Sanjurjo se encontrava na igreja de Santo António do Estoril, a mesma onde o seu filho mais velho casou e a filha mais nova foi batizada, que acolheu muitos espanhóis e portugueses que lhe quiseram prestar uma última homenagem. De salientar também a ornamentação com elementos como a bandeira e uma almofada com

⁷⁵ Segundo esta versão, a queda do avião ficara a dever-se a uma conspiração republicana, liderada por Angel Gallarza, diretor-geral da polícia espanhola, que teria financiado uma sabotagem, na qual haviam participado também elementos portugueses (Bernardo Futscher Pereira, *A diplomacia...*, cit., p. 79).

⁷⁶ Roberto Muñoz Bolaños, “Capitán José Sanjurjo Sacanell...”, cit., s.p.

⁷⁷ Bernardo Futscher Pereira, *A diplomacia...*, cit., p. 78.

as armas da monarquia espanhola e a bandeira portuguesa, “significando o muito que ao heroico oficial queriam todos os portugueses que o conheciam”, e, ainda, a presença de vários fascistas espanhóis fardados, que “fazem a guarda ao corpo do general Sanjurjo”⁷⁸. Quanto a Juan Ansaldo, saiu do Hospital de Cascais no dia seguinte ao acidente e passou mais uns dias na clínica de Alberto Madureira, localizada no Monte Estoril, seguindo, posteriormente, para a casa da marquesa de Arguelles⁷⁹.

O cortejo fúnebre iniciou a sua marcha por volta das 13 horas do dia 22 de julho, com muitas manifestações de apreço para com o general espanhol. Duas horas antes, às 11 horas, principiaram as exéquias fúnebres pelo padre António José Mota, que contou com uma ampla participação “da maioria da colónia espanhola de Lisboa e da Costa do Sol [...] muitas dezenas de portugueses [...] estando o templo cheio até ao adro”. A urna encontrava-se coberta com a bandeira das campanhas de Marrocos e uma bandeira portuguesa, além dos inúmeros ramos e coroas de flores. Segundo a imprensa portuguesa, o primeiro grupo de pessoas que seguia na frente do cortejo era constituído pelo padre António José Mota, doutor Alberto Madureira, duque de Maura, marquês de Cavalcanti, marquês de Quintanar e marquês de Orefana, conde de Rojas, Luiz Calvo Sotelo e D. Juan Pujci, além de “muitas centenas de portugueses e espanhóis de ambos os sexos que seguiam a pé e uma interminável fila de automóveis”⁸⁰.

No cemitério do Estoril, onde o general Sanjurjo ficou sepultado até se concretizar a transladação⁸¹, estiveram fisicamente presentes fascistas espanhóis e italianos e jornalistas portugueses, espanhóis e representantes de jornais de outros países, destacando-se também as coroas de flores enviadas por entidades locais, como o Hotel Miramar, onde estivera alojado, e outros amigos, caso do rei Afonso XIII⁸². O momento ficou ainda marcado por vários discursos, proferidos por importantes figuras espanholas, como Antonio Font, chefe dos falangistas, que enalteceu Sanjurjo com o grito “General D. José Sanjurjo! Presente! Arriba España!”, e, mais especificamente, o marquês de Quintanar e o marquês de Cavalcanti, que recordaram o general espanhol com palavras

⁷⁸ *Diário de Lisboa*, 21 de julho de 1936, p. 3.

⁷⁹ *Diário de Notícias*, 22 de julho de 1936, p. 1.

⁸⁰ *Diário de Lisboa*, 22 de julho de 1936, p. 4.

⁸¹ A transladação dos restos mortais de Sanjurjo concretizou-se em meados de outubro de 1939, já depois da vitória franquista, registada por Salazar nos seus diários, onde destacou os agradecimentos endereçados pela comissão espanhola responsável pelo ato (Madalena Garcia (ed.), *Diários de Salazar...*, cit., s.p.).

⁸² Maria Cristina de Carvalho dos Anjos, *O turismo...*, cit., p. 172.

bastante emocionadas. Discursou ainda Alberto Madureira, que incentivou os jovens portugueses e espanhóis a seguirem o exemplo de Sanjurjo⁸³.

Ao nível da imprensa local, o acontecimento também mereceu ampla divulgação. *O Estoril*, inclusive, homenageou Sanjurjo, recordando que o general havia sido admirado pela maioria dos habitantes de Cascais e do Estoril por causa da sua simplicidade, a que se somavam os benefícios trazidos pela sua permanência na região, uma vez que “após a sua chegada começaram afluindo espanhóis de elevada categoria, atraídos uns pelo afeto que lhe dispensavam e outros trazidos pelo noticiário dos jornais de ambos os países, que durante alguns dias se ocuparam da sua personalidade”⁸⁴. No mesmo sentido, a própria morte do general espanhol também beneficiou a atividade turística do eixo Cascais-Estoril, já que o acontecimento foi divulgado internacionalmente, incluindo imagens do local do acidente e da própria região⁸⁵. O trágico evento não levou à saída da família do falecido general do Estoril, que então transitou da Vila Leocádia para o Hotel Miramar, onde já estivera instalada aquando da chegada a Portugal⁸⁶. Mais do que isso, a partir do Estoril, a viúva de Sanjurjo continuou a assegurar o fornecimento de ajuda material aos nacionalistas espanhóis, mantendo o compromisso assumido pelo general para com a conspiração agora liderada por Francisco Franco⁸⁷.

Embora o grupo rebelde apoiado pelo general Sanjurjo não tenha conseguido fazer triunfar de forma célere o levantamento militar do 18 de julho, saiu vitorioso da guerra civil que se lhe seguiu, terminada em abril de 1939. Desde esse primeiro dia, os autodenominados nacionalistas sofreram perdas de importantes chefes militares, como o general Sanjurjo, mas também o general Emilio Mola, em junho de 1937. Foi a morte de Sanjurjo que abriu caminho à liderança de Francisco Franco, uma vez que era ao primeiro que os rebeldes pretendiam entregar a chefia da revolta e do futuro Estado que se pretendia edificar em Espanha⁸⁸. O golpe que fora planeado por Sanjurjo triunfara, mas não sob a sua liderança, ainda que o seu infortúnio tenha acabado por permitir o estabelecimento da longa ditadura franquista.

⁸³ *Diário de Lisboa*, 22 de julho de 1936, p. 4.

⁸⁴ *O Estoril*, 26 de julho de 1936, p. 1.

⁸⁵ Maria Cristina de Carvalho dos Anjos, *O turismo...*, cit., p. 37.

⁸⁶ *O Estoril*, 4 de abril de 1937, p. 1.

⁸⁷ Joana Vieira Cruz, *Cascais e Estoril como centro de acolhimento de refugiados entre 1931 e 1945*, Dissertação de mestrado, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, 2024, p. 59.

⁸⁸ Fernando Rosas, “O Estado Novo e a Guerra Civil de Espanha na sociedade das nações”, *Revista Portuguesa de História*, 38 (2006), p. 135.

Considerações finais

Já é bem conhecida a convivência de Salazar com os rebeldes espanhóis a partir de julho de 1936, com a eclosão da Guerra Civil de Espanha, visível numa concessão de auxílio que cobriu diversas áreas de intervenção, desde a material e logística à financeira, passando pela intervenção policial repressora, a política de informação, a ajuda militar direta e, ainda, a frente político-diplomática⁸⁹. Embora menos considerado quando comparado ao apoio nazi-fascista da Alemanha e da Itália, o colaboracionismo português foi, de facto, importante para o triunfo de Franco na contenda espanhola. Igualmente menos destacada pela historiografia, mas também de especial significado e relevância no desenvolvimento da política ibérica deste período, é a cumplicidade do governo português com a preparação do levantamento militar de julho de 1936. Entre 1934 e 1936, coincidente com o exílio de Sanjurjo no Estoril, Portugal constituiu um espaço seguro para o desenvolvimento dos planos conspirativos da direita espanhola, já que o governo português foi conivente com a constante entrada e saída de conspiradores que visitavam o general e lhe passavam informações sobre o desenrolar dos acontecimentos em Espanha. Além da identificação político-ideológica com as tramas de Sanjurjo e dos seus correligionários, favoráveis aos intentos do Estado Novo de impedir que as esquerdas e particularmente o comunismo, dominassem o país vizinho, o regime salazarista também beneficiou economicamente da presença destes espanhóis, de classes sociais mais abastadas, e das visitas assíduas das respetivas famílias.

Contrariamente aos anos imediatamente anteriores, o designado “biénio cedista” foi um período em que as relações ibéricas entraram num clima de maior acalmia e proximidade, devido à presença da direita no governo espanhol. No entanto, durante estes dois anos, a situação político-social em Espanha foi instável, com destaque para a insurreição de outubro de 1934 e para o triunfo da Frente Popular nas eleições de fevereiro de 1936, que levou à intensificação dos planos conspirativos da direita descontente com o rumo político do país. Neste âmbito, se formalmente Portugal apostou no desenvolvimento de relações cordiais com o governo espanhol, nos bastidores conspirava com os rebeldes espanhóis, acolhendo-os e permitindo a sua livre circulação pelo país.

O acolhimento e as manifestações de apreço aquando da chegada do general Sanjurjo a Portugal atestam o comprometimento que o governo e parte da sociedade portuguesa tinham para com a direita espanhola e os planos conspirativos com vista ao derrube da República em Espanha. No

⁸⁹ José Miguel Sardica, *Ibéria...*, cit., p. 134-136.

mesmo sentido, a forma como a imprensa nacional e local tratou a presença do general Sanjurjo e dos restantes refugiados em Portugal ao longo deste período demonstra o posicionamento assumido pelo Estado Novo face ao evoluir da política espanhola e ao maior domínio das esquerdas, que entendia ameaçar a continuidade da sua vigência. Desta forma, Portugal assumiu um papel central no desenrolar da política espanhola ao longo da década de 1930, acreditando que o seu futuro também dependia do destino seguido no outro lado da fronteira.

Numa fase inicial, a partir de 1931, o governo português permitiu que o país, em particular a região Lisboa-Cascais-Estoril, se constituísse como um centro de conspiração da direita espanhola, onde se concretizavam encontros entre vários elementos conspiradores que, em contacto com os elementos em Espanha, planearam a organização do *alzamiento*. Esta situação manteve-se ao longo de vários anos, até ao início da guerra civil e tornou-se mais significativa após 1934, com a chegada do general Sanjurjo ao Estoril, e depois de fevereiro de 1936, quando o triunfo das esquerdas impulsionou a saída de um maior número de espanhóis. Com o início e o decurso da guerra civil, o regime salazarista continuou a servir os interesses dos rebeldes espanhóis, já liderados por Franco, assumindo-se como o defensor da sua retaguarda e o centro das operações destinadas a garantir o auxílio internacional à causa rebelde. Portanto, ao longo de toda a década de 1930, fosse pelo desenvolvimento de relações mais próximas com o governo espanhol, fosse pela identificação político-ideológica com a oposição, em particular entre 1934 e 1936, Portugal participou ativamente na evolução da política ibérica, já que as suas ações, nomeadamente a colaboração na preparação da conspiração de 1936 e a intervenção na guerra civil, foram determinantes para que a direita espanhola conquistasse o poder e o mantivesse durante várias décadas.

